



*As coisas mais simples – como olhar uma paisagem, como segurar uma pedra – estão imbuídas do mistério do pertencimento ao universo*

## O FOGO DE CONSTELAÇÕES EXTINTAS

O sociólogo alemão Max Weber (1864-1920) elaborou o conceito de “desencantamento do mundo” em um texto de 1917 como o extenso processo de negação do pensamento mágico, a dessacralização, a racionalização elaborada pelo cristianismo e levada a termo pela ciência. Segundo ele, a existência cotidiana poderia se transformar em uma “jaula de ferro” árida e desumana.

O encantamento estava associado não somente ao significado e propósito transcendentes, mas também ao maravilhamento e à surpresa que a modernidade – com sua ênfase científica em leis naturais imutáveis – havia removido do mundo.

E, de certa forma, Weber está correto: tudo se tornou quantificável no mundo moderno pela revolução tecnológica. Não só a ciência, mas a burocracia e a organização estatal também tornam o mundo mais racional e eficiente. Muitos outros pensadores, conhecidos como os ‘pessimistas culturais’, continuaram essa crítica aos valores racionalistas do Iluminismo. E nas décadas de 1950 e na seguinte, com o surgimento da bomba de hidrogênio, a visão negativa da ciência foi reforçada.

Mas será que tudo o que resta à humanidade é se contentar com um universo frio e desconectado do ser humano?

Tomemos dois exemplos. Primeiro, o grande triunfo da física nuclear não foi a bomba, mas, sim, o entendimento de como a mistura dos elementos – principalmente, o hidrogênio e o hélio nas estrelas, e o carbono e o oxigênio, nos planetas – foi produzida por reações nucleares no universo primordial e, depois, nas fornalhas de cada um dos sóis. Foi a compreensão de que todos os elementos pesados – como o ferro, que corre em nossas veias acoplado à molécula de hemoglobina, bem como o sódio e o potássio, que transmitem os impulsos nervosos – foram forjados nos catastróficos ambientes estelares.

Segundo, todos sabemos que a luz visível é apenas uma vibração caracterizada por uma determinada frequência lá pelo meio do chamado espectro eletromagnético. À esquerda dela, temos as ondas infravermelho, as micro-ondas, as ondas de rádio e outras com frequências baixas. À direita, as ondas ultravioleta, os raios X, os raios gama e outras com frequências altas.

Mas apenas a luz visível – essa pequena janela por onde enxergamos – propaga-se facilmente na água, da ordem de dezenas de metros – as micro-ondas, por exemplo, penetram só décimos de milímetro nesse meio. Claro que os seres que evoluíram a partir da água carregam essa marca em seus aparelhos visuais, determinada, em última análise, pela estrutura atômica das moléculas da água. Ou seja, evolução e mecânica quântica (a teoria do diminuto mundo atômico) se articulando no aparelho visual humano.

Se há um movimento de desumanização da física – por esta usar conceitos desconectados de nosso cotidiano –, há, ao mesmo tempo, a explicitação da conexão profunda entre nossa materialidade mais visceral – a matéria que forma nossas células, nosso sangue, nossos olhos... – com a água, com o planeta e com o universo como um todo.

E isso em apenas dois exemplos (física nuclear e eletromagnetismo) de inúmeros que poderíamos citar.

Provavelmente, o poeta e crítico brasileiro Manuel Bandeira (1886-1968) intuía essa conexão quando escreveu “Belo belo belo, Tenho tudo quanto quero. Tenho o fogo de constelações extintas há milênios. E o risco brevíssimo – que foi? passou – de tantas estrelas cadentes. [...] Quero a delícia de poder sentir as coisas mais simples.”

Nosso argumento é que as coisas mais simples – como olhar uma paisagem, como segurar uma pedra – estão imbuídas do mistério do pertencimento ao universo. A ciência re-encanta o mundo. **CH**